

THROUGH THE STAINED GLASS WINDOW:
O IMAGINÁRIO MEDIEVAL(IZANTE) NA OBRA LUSITANISTA
DE WILLIAM BECKFORD ¹

Rogério Miguel Puga

I could hardly believe so considerable and striking a group of richly parapeted walls, roofs, and towers, detached chapels, and insulated spires, formed parts of one and the same edifice[Monastery of Batalha]: in appearance it was not merely a church or a palace I was looking at, but some fair city of romance, such as an imagination glowing with the fancies of Ariosto might have pictured to itself under the illusion of a dream.

William Beckford, *Recollections*, 1835, p. 126.

No “Advertisement” de *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha*,² obra publicada em 1835, já após o decreto de extinção das ordens religiosas em Portugal, William Beckford (1759-1844) remete, desde logo, para as notas que guardara no seu diário,³ desde um passado algo longínquo

¹ O presente estudo foi realizado no âmbito do Seminário de Cultura Inglesa [*Back to the Past: Revisitações e reinvenções da Idade Média nos séculos XVIII e XIX*], no Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses (F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa), sob a orientação do Prof. Doutor Miguel Alarcão, a quem agradecemos as correções e sugestões que em muito enriqueceram este nosso texto.

² A obra, embora redigida em 1835, é fruto da visita aos referidos mosteiros, em Junho de 1794, efectuada quando da segunda visita de Beckford a Portugal, estada que durou cerca de dois anos. De acordo com Maria Laura Bettencourt Pires, *William Beckford e Portugal*, 1987, pp. 221-222, este passeio é referida por Luís Augusto Rebelo da Silva (1822-1871) em *Lágrimas e Tesouros*: “«essa jornada do dom-prior-mór de Aviz, do prior de S. Vicente e de um estrangeiro hereje»”. (*Apud* Maria Laura Bettencourt Pires, *op. cit.*, p. 222).

³ A diarística apresenta diversas características entendidas como específicas ao sub-género. Sendo um registo sistemático de acontecimentos e (inter)vivências, “[...] o diário assenta a sua especificidade antes de mais [n]a narração intercalada, [...] uma enunciação narrativa intermitente, ocorrida em momentos de pausa da história, neste caso constituída pelas experiências que o dia-a-dia vai proporcionando ao autor.” (Cf. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de*

("I invoked the power of memory"), e que, agora, em forma de "recollections", submete "[...] to that indulgent Public, which has shown more favour to [his] former sketches than they merited."⁴

A motivação ou as razões pelas quais o autor leva a cabo o seu passeio revestem-se de todo um estatuto e prestígio sociais, na medida em que é por vontade do príncipe regente de Portugal (o futuro D. João VI, 1767-1826) que Beckford se desloca, de início relutantemente, para fora da cidade natal de Santo António,⁵

Narratologia, 1994, p. 105). Robert A. Fothergill, *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, 1974, p. 11, afirma que o diário deverá ser interpretado "[...] as a manifestation of the history of 'sensibility' — the reflection, at the level of individual consciousness, of the succession of social and cultural epochs". Já William Mathews, *An Annotated Bibliography of British Diaries*, 1950, p. xv, afirma: "[a diary is] a personal record of what interested the diarist, usually kept day by day, each day's recording being self-contained and written soon after the events occurred, the style usually being free from organized exposition." De acordo com a tipologia de Fothergill, podemos classificar os diários de William Beckford como "journal[s] of personal memoranda" (p. 17). Em relação à figura do leitor do diário em particular, Harriet Blodgett, *Centuries of Female Days*, 1989, p. 8, afirma: "For the reader, suspense is indigenous to the diary form and gives any diary a quality of tension not unlike the suspense of reading a novel or play. Yet, however unplanned, diaries are not chaotic. The reader awaits, and discovers, the completed actions, the patterns, the sequences, the obsessive concerns that may inform a diary." A propósito desta questão, vejamos J. Rousset, «Le journal intime, texte sans destinataire?», 1983, pp. 435-443; M. Calle-Gruber, «Journal intime et destinataire textuel», pp. 389-391; S. E. Kagle, «The diary as art: a new assessment», 1973, pp. 416-427 e B. Didier, *Le journal intime*, 1976.

⁴ Cf. William Beckford, *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha by the Author of "Vathek"*, 1835, p. vi (Obra doravante designada de *Recollections*). Sobre os elementos paratextuais do texto literário, G. Genette, *Seuils*, 1987, p. 7, afirma: "Le paratexte est donc pour nous ce par quoi un texte se fait livre et se propose comme tel à ses lecteurs, et plus généralement au public." As sete notas apresentadas ao leitor no final da obra veiculam ainda um contrato de simplificação da leitura/interpretação entre autor e leitor: "**My readers** need not start at the idea of a play in a convent [...]" (p. 225, negrito nosso). Ainda em relação à função do título, David Lodge, «The Title», 1992, pp. 193-194, afirma: "The title [...] is part of the text [...]. Fiction was modeling itself on, and sometimes disguising itself as, biography and autobiography." O título de *Recollections* remete desde logo para um universo religioso e histórico estrangeiro, testemunho de um passado longínquo, informando o leitor de que a pena do "author" escrevera também o conto oriental "Vathek". O prefácio poderá também ser interpretado à luz do princípio do "horizonte de expectativa", teorizado pela Escola da Estética da Recepção (Cf. Wolfgang Iser, *The Act of Reading*, 1980, p. 99), uma vez que a apresentação do universo a explorar, com base em notas redigidas no passado, bem como a alusão a "Vathek", no título, e aos "former sketches", como que preparam o leitor, complementando e influenciando a sua leitura. Também no prefácio de *Italy; with Sketches of Spain and Portugal* (doravante designada de *Italy*), 1834, p. 2, o autor remete o interesse do público inglês pela sua obra para "[...] her [Portugal's] present convulsed and declining state", servindo a descrição de um Portugal passado e glorioso como referente de contraste com a actualidade. Nesta mesma edição, o texto referente à viagem através de Elvas e Arraiolos encontra-se na secção dedicada a Espanha.

⁵ Lisboa tem um significado religioso especial para Beckford, na medida em que o escritor inglês é um fervoroso devoto de Santo António, que aí nascera (c. 1190). No final da sua viagem, o viajante refere inúmeras vezes o seu santo de devoção, bem como os seus milagres (William Beckford, *Recollections*, pp. 181-182), tal como acontece no seu diário.

na companhia dos seus amigos, os priores de Avis e de São Vicente. O viajante inglês demonstra desde cedo, na narrativa da sua viagem, conhecer a toponímia, bem como o passado glorioso da nação que o acolhe desde 1787: ⁶ “[...] if we had been setting forth to explore the kingdom of Prester John, or the identical spot where Don Sebastian left his bones, (if true it be that the shores of Africa, and not some pet dungeon of King Philip’s, received them), we could scarcely have gotten together a grander array of incumbances.” ⁷ O imaginário que acompanha a partida e o movimento do séquito envolve-se de toda a sumptuosidade e do exotismo que acompanhara as partidas dos descobridores portugueses, bem como o destino destes, como é o caso da China que, por diversas vezes, se torna um universo cultural e exótico presente na obra, quer através de conversas com religiosos regressados de Macau, ⁸ quer através de sumptuosas refeições orientais que estes mesmos prelados cozinham. O exotismo marca, portanto, também presença ao longo do relato da viagem, durante a qual Beckford confessa: “I bless the hour when my steps were directed to Portugal!”. ⁹

Ao longo das diferentes povoações por onde a viagem ganha forma vão-se acumulando elementos que concorrem para o imaginário medieval(izante) da obra lusitanista de Beckford, uma vez que diversos símbolos e objectos se tornam recorrentes, adensando o seu próprio significado: “fountains, full of pastoral charm, [...] a low picturesque building, half villa, half hermitage”, “rustic porches”. ¹⁰ Numa outra obra, *Italy*, o magnata de Fonthill,

⁶ Para um estudo sobre o contexto socio-político do Portugal visitado por Beckford veja-se Maria Laura Bettencourt Pires, *William Beckford e Portugal*, 1987, *passim* e Boyd Alexander, «Introduction», 1954, pp. 16ss.

⁷ Cf. William Beckford, *Recollections*, p. 8.

⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 21: “[...] I found a certain padre, Machado, or Azevedo, or some such name, who had not been long returned from China [...]”. Podemos definir exotismo como “[...] representação do Outro civilizacional e da sua singularidade” (Cf. Rogério Puga, s.v. «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos de Teoria e Crítica Literária*, no prelo). Como o próprio prefixo do termo indica, o exotismo, enquanto discurso sobre a alteridade, implica um movimento do olhar e dos demais sentidos para fora do Eu cultural (ocidental). A visão do *alter mundus* leva o Eu, neste caso William Beckford, a consciencializar-se de que é também Outro no seio de um processo de “leitura” interactiva. O exotismo apresenta-se como uma questão ontológica e também gnoseológica, um jogo de espelhos transversal a todas as manifestações artísticas, filtrado quer pela sensibilidade de quem o elabora quer pelo contexto historico-cultural da sua produção e posterior recepção.

⁹ William Beckford, *Recollections*, p. 30. Em *Italy*, p. 168, Beckford descreve um dos muitos momentos de prazer que a sua vivência em Portugal lhe proporciona: “The enchantment of climate, music, and mystery, all contributed to throw my mind into a sort of trance from which I was not roused again without a degree of painful reluctance.”

¹⁰ *Idem*, *ibidem*, pp. 10-11 e p. 51, respectivamente.

“embalado” pelo *gothic revival* inglês, ¹¹ descreve, igualmente a magnificência e a tendência gótica dos arcos quebrados do Aqueduto das Águas Livres, adicionando uma expressiva imagem do terror fantástico suscitado pelo monumento: “I sat down in a fragment of rock, under the great arch, and looked up to the vaulted stone-work so high above me with a sensation of awe not unallied to fear; as if the building I gazed upon was the performance of some immeasurable being endued with gigantic strength, who might [...] in mere awkwardness, crush me to atoms.” ¹² Mais tarde, quando da passagem por Elvas, rumo a Espanha, o viajante descreve o aqueduto da cidade, comparando-o a uma catedral gótica em ruínas: “[...] the arches of an aqueduct, supported by strong buttresses [...] when seen in perspective, an appearance, in some points of view, not unlike that of a ruined gothic cathedral.” ¹³

A vivência, a pompa, a fé e os rituais católicos, bem como a arquitectura gótica (“pointed arches”), são cantados devido à sua excelência, sendo fortemente associados à Idade Média, tal como acontece posteriormente na obra do arquitecto e *designer* Augustus W. N. Pugin (1812-1852). ¹⁴ O universo pitoresco é também veiculado e enriquecido através da cor local e de diversas expressões e frases em português que o autor transcreve em forma de discurso directo, recriando assim toda a vivacidade dramática dos episódios descritos, alguns dos quais de algum valor etnográfico: “Ai Jesous! Ai Jesous!”, “Va beber [...]”. ¹⁵

No quinto dia da viagem, o grupo de “peregrinos” chega finalmente ao mosteiro cisterciense de Alcobaça, ¹⁶ construído entre 1178 e 1254, enquanto a narrativa acompanha o olhar e o

¹¹ Para um estudo quer de Fonthill Abbey e outras mansões góticas quer do revivalismo gótico arquitectónico inglês, vejam-se o clássico Kenneth Clarke, *The Gothic Revival*, 1975; Megan Aldrich, *The Gothic Revival*, 1997; Chris Brooks, *The Gothic Revival*, 1999; Hubert Pragnell, *The Styles of British Architecture*, 1984 e Doreen Yarwood, *The Architecture of Britain*, 1980. Sobre a influência e acção inglesas em Portugal em relação à arquitectura neomedieval/neogótica, veja-se AAVV, *O neomanuelino ou a reinvenção da arquitectura dos Descobrimentos*, 1994 *passim*.

¹² William Beckford, *Italy*, p. 36.

¹³ *Idem*, *ibidem*, pp. 271-72.

¹⁴ Nomeadamente: *Contrasts or a Parallel between the Noble Edifices of the Fourteenth and Fifteenth Centuries and Similar Buildings of the Present day; Shewing the present Decay of Taste* (1836); *The True Principles of Pointed or Christian Architecture* (1841); *An Apology for the Revival of Christian Architecture* (1843); *Glossary of Ecclesiastical Ornament* (1844), e *Floriated Ornament* (1849). De acordo com Malcolm Jack, *William Beckford: An English Fidalgo*, 1996, p. 121, os trabalhos de Pugin e Barry no Parlamento inglês são influenciados pela arquitectura e pelo *design* de Fonthill.

¹⁵ William Beckford, *Recollections*, pp. 223 e 20, respectivamente.

movimento dos viajantes: “[...] I entered the **spacious, massive,** and somewhat **austere Saxon-looking** church.”¹⁷ Os adjectivos com que o autor descreve a maior igreja de Portugal veiculam o imaginário medieval, mais tarde recriado na “*extravaganza gótica*”,¹⁸ Fonthill Abbey (1795-1812).¹⁹ Um dos pormenores do mosteiro que quer o próprio Beckford quer diversos biógrafos e estudiosos²⁰ do autor identificam como recriado em Wiltshire

¹⁶ Para um estudo sobre o domínio e senhorio do mosteiro de Alcobaça, veja-se Iria Gonçalves, *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, 1989.

¹⁷ William Beckford, *Recollections*, p. 36; negrito nosso. Os tradutores da primeira tradução integral da narrativa da viagem de Beckford para português, Iva Delgado e Frederico Rosa, referem que o viajante inglês provavelmente se refere às igrejas góticas da Saxónia, “[...] embora seja também de admitir que evoque a arquitectura em Inglaterra do período saxónico. Alguns tradutores [Parreaux, Luis Antonio de Villena e Catherine d’ Andrada, Maria Amália Vaz de Carvalho] seguiram esta última interpretação [...]”. (Cf. Iva Delgado e Frederico Rosa, in William Beckford, *Alcobaça e Batalha: Recordações de Viagem*, 1997, p. 39, n. 6).

¹⁸ Expressão de Margaret Drabble (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, 2000, p. 79.

¹⁹ Em relação à sensibilidade e estética presentes em Fonthill Abbey, James Lees-Milne, *William Beckford*, 1976, p. 41, afirma: “Unlike Horace Walpole he [Beckford] was not the least concerned with medieval antiquarianism and the reproduction of correct detail. All he was concerned with was creating theatrical effects. In this respect his Fonthill Abbey should not be classified among eighteenth-century Gothic Revival buildings. Rather it anticipated the nineteenth-Century search for a new Gothic style.” William Beckford constrói a sua mansão na senda da tendência popularizada por Horace Walpole, ao adquirir, em 1747, Strawberry Hill, para transformar a casa, entre 1750-1753, num ícone do *gothic revival* inglês, a que, entre muitos outros, também Sir Walter Scott adere, ao reconstruir o seu palacete escocês Abbotsford (1811-1824). Vejam-se Jennie Gray, «Horace Walpole & William Beckford: Pioneers of the Gothic Revival», 1994, bem como os estudos referidos na nota 10.

²⁰ Brian Fothergill, *Beckford of Fonthill*, 1979, p. 265; Malcolm Jack, *op. cit.*, p. 121: “The windows of the oratory, as well as the Oriel windows in the southern end of St. Michael’s gallery [at Fonthill Abbey], were copied from the stained glass windows Beckford had so admired in the chapel of King João I and Queen Philippa at Batalha”, ideia esta também presente em H. A. N. Brockman, *The Caliph of Fonthill*, 1956, p. 146. Malcolm Jack continua ainda a identificar influências lusitanas ou planos elaborados em Portugal que, mais tarde, são materializados em Fonthill: “At the center of the north-south spine was the octagon itself, the idea for which [...] was already in Beckford’s mind when he planned the house at Rua da Cova da Moura. Its extraordinary proportions [...] were exaggerated [and] based on the chapter house at Batalha.” (p. 122). Também H. A. N. Brockman, *op. cit.*, p. 140, afirma: “Once again the description of this entrance [Fonthill’s hall] immediately recalls Beckford’s own description of the west door of the monastery church at Batalha.” Timothy Mowl, *op. cit.*, p. 231, refere uma outra “imitação” do mosteiro: “Wyatt heightened the octagon, topped it with a lantern stage supported on flying buttresses (a close copy of the lantern on King João’s tomb chapel at Batalha), and then took it one jaunty but disastrous step further: to humour Beckford’s memory of that ‘insulated spire’ over Batalha’s north transept, he struck an approximation to it on top of the João lantern, in a candle-snuffer effect, and gave it a flagstaff. That was the chapel completed.”

são os vitrais admirados na capela do Fundador: “[...] the splendour of the golden and ruby light which streamed forth from the long series of stained windows: it played flickering about in all directions, on pavement and on roof, casting over every object myriads of glowing mellow shadows ever in undulating motion [...]”.²¹ Beckford, numa carta datada de 18 de Setembro de 1807, dirigida a Franchi, afirma: “All three of the Batalha windows are already in place and produce the most splendid effect.”²²

Em Alcobaça, aimensidão do espaço e a pedra são adornadas por vozes de coro, capelas, naves e altares por entre luzes difusas, enquanto a visita prossegue por entre “cloisters and galleries”²³ que dão lugar a diversas “romantic impressions”:

I lost not a moment in visiting the sepulchral chapel, where lie interred Pedro the Just and his beloved Inez. The light reached this solemn recess of a most solemn edifice [...] I could hardly distinguish the elaborate sculpture of the tomb, which reminded me, both as to design and execution, of the Beauchamp monument at Warrick,²⁴ so rich in fretwork and imagery.²⁵

As duas arcas tumulares lavradas de Pedro e Inês de Castro (c. 1360)²⁶ dão lugar a um processo a que podemos chamar de

²¹ William Beckford, *Recollections*, p. 83. Para além deste impressionante jogo de luzes e sombras, outros aspectos da perene arquitectura medieval do mosteiro atraem a atenção do viajante inglês: “The graceful arching of the roof, unsupported by console or column, is unequalled; it seems suspended by magic [...]” (*Idem, ibidem*, p. 89).

²² *Apud* James Lees-Milne, *op. cit.*, p. 47. De acordo com este estudioso, p. 48, estes mesmo vitrais haviam sido fabricados por Francis Eginton e pelo seu filho William Raphael, de Birmingham, a partir de desenhos do pintor heráldico William Hamilton. Também James Storer, «A Description of Fonthill Abbey, Wiltshire», 1812, p. 363, afirma: “Between the piers of the octagon, which are composed of clustered columns, bearing eight lofty arches, are four pointed windows of beautifully stained glass, copied from those of the celebrated monastery of Batalha, in Portugal [...]”.

²³ William Beckford, *Recollections*, p. 41.

²⁴ Monumento na capela Beauchamp, em Warwick, dedicado a Richard Beauchamp (1382-1439), soldado, conde de Warwick e amigo/tutor de Henrique VI. Iva Delgado e Frederico Rosa, *op. cit.*, p. 40, n. 7, afirmam não ser “[...] muito feliz a comparação que Beckford estabelece entre a obra alcobacense e a pesada estatuária do túmulo de Beauchamp de Warwick, da autoria de John Massingham.”

²⁵ *Idem, ibidem*, pp. 36-37.

²⁶ Para um estudo em torno de Pedro e Inês de Castro na literatura inglesa, veja-se Maria Leonor Machado de Sousa, *D. Inês e D. Sebastião na literatura inglesa*, 1979. No sétimo dia da viagem, em Alcobaça, o viajante inglês assiste a uma peça de teatro italiana sobre a tragédia de Inês de Castro, parafraseando a

“recordações (*recollections*) cruzadas”, uma vez que à elaborada escultura deste túmulo o autor associa a mestria do monumento gótico dedicado a Beauchamp, em Warwick. A cultura medieval inglesa é, portanto, também um referente de comparação entre o “cá” católico e o “lá” protestante. Beckford recordará igualmente todos estes pormenores e edifícios, que observa e descreve no seu diário durante a viagem, quando da elaboração da planta e decoração interior de Fonthill Abbey.²⁷ Um quadro na parede da abadia representa a “[...] no less interesting personage than St. Thomas à Becket,²⁸ and looked the character in perfection; — lofty in stature and expression of countenance; pale, but resolute, like one devoted to death in his great cause; the very being Dr. Lingard has portrayed in his admirable History.”²⁹

A sobriedade estrutural e o vertiginoso impulso vertical interno e externo quer do mosteiro de Alcobaça quer do mosteiro da Batalha, característicos da arquitectura gótica, fazem-se sentir em Fonthill Abbey, onde impera o gótico verticalizante. A mansão-metáfora de Beckford, “para além de corresponder perfeitamente, na grandiosidade e opulência que ostenta [...], ao romantismo

mesma: “The cruel murder of that lovely lady and her two innocent royal infants, represented on the stage: the part of Donna Inez by Senhor Agostinho José.” (pp. 99-100). A peça merece as maiores críticas por parte da audiência, sendo que Beckford se recorda da qualidade dos romances históricos ingleses, nomeadamente de *Recess* de “Miss Lee”, referência esta a Sophia Lee (1750-1824), irmã da novelista e dramaturga Harriet Lee, cujo primeiro romance *The Recess* (1783-5), “a form of early historical novel, sold well and was translated into French.” [Cf. Margaret Drabble, *op. cit.*, p. 583].

²⁷ Cf. Malcolm Jack, *op. cit.*, p. 120: “All these Portuguese abbeys had been built on a grand scale, larger than any he had hitherto thought of as a model for a house of his own. The scenic, artistic possibilities of the huge Gothic building now took hold of his imagination.”

²⁸ Thomas Becket (1118?-1170), arcebispo de Cantuária e forte defensor da causa do direito eclesiástico, em detrimento do poder de Henrique II. Após um período de exílio de seis anos que termina em 1170, quatro cavaleiros assassinam o arcebispo na catedral de Cantuária, em 29 de Dezembro desse mesmo ano. Becket é canonizado em 1173 e o seu túmulo passa a atrair peregrinos de toda a Europa. (Cf. J. P. Kenyon, *The Wordsworth Dictionary of British History*, 1994, p. 35 e Clemens Jöckle, s.v. «Thomas Becket of Canterbury», *Encyclopedia of Saints*, 1995, pp. 436-438). Beckford volta a apreciar o quadro no nono dia da visita: “[...] my favourite portrait of St. Thomas of Canterbury [...]” (William Beckford, *Recollections*, p. 144), colocando em Fonthill Abbey um quadro deste mesmo mártir. (Cf. James Storer «A Description of Fonthill Abbey, Wiltshire», 1812, p. 364: “[...] on one side is a picture of Michael overcoming the Dragon, and on the other a highly finished portrait of St. Thomas-à-Becket.”) Iva Delgado e Frederico Rosa, *op. cit.*, p. 53, informam que a presença do quadro de São Tomás de Cantuária em Alcobaça não é de estranhar, pois “[...] a devoção dos monges cistercienses pelo mártir foi constante [...]. Em Portugal, apenas quinze anos após a sua morte, foi copiado um “Passio Sancti Thome Cantuarensis” no mosteiro do Lorvão. Nos códices alcobacenses encontram-se referências a obras dedicadas à vida e morte do santo [...]”

²⁹ William Beckford, *Recollections*, p. 45.

nascente, personalizado em Rousseau e Byron, permit[em] ao seu proprietário afirmar-se perante aqueles que o ignor[am], como símbolo de poder [...].”³⁰ A viagem geográfica exige, portanto, do viajante um processo de comparação quer por semelhança quer por dissemelhança, sendo que o ambiente religioso (católico) trespassa a obra de Beckford, na qual vários estereótipos se fundem com a realidade. O universo dos monges é descrito como “[...] the most distinguished temple of gluttony in all Europe [...]”, imagem esta já presente na literatura medieval europeia, ou seja, a gula associada ao hábito do monge. O forte pendor culinário destes locais sagrados levam o autor a desabafar: “What Glastonbury may have been in its palmy state, I cannot answer; but my eyes never beheld [...] such an enormous space dedicated to culinary purposes.”³¹ A comparação entre a cozinha de Alcoçaba e a cozinha do abade da abadia beneditina de Glastonbury,³² em Somerset, representa este mesmo jogo dialéctico e intercultural que tem lugar na memória e *fancy* do viajante de sensibilidade romântica.³³ Mártires católicos reais misturam-se assim com lendárias ficções que concorrem para a elaboração de um imaginário medieval(izante) ao longo de *Recollections* e que despertam, no leitor inglês, um interessante jogo de associações³⁴ e metáforas, o que contribuiu para o prestígio literário de que, ainda hoje, a obra usufrui.

³⁰ Regina Anacleto, «Arquitecturas Medievais...», 1994, p. 62.

³¹ William Beckford, *Recollections*, pp. 37-38.

³² Diversos mitos associam a abadia de Glastonbury, em Somerset, às aventuras do Rei Artur e de José de Arimateia. De forma a atrair peregrinos e lucros para reconstruir a abadia no século XII, os monges que aí vivem afirmam que os restos mortais de Artur e Guinevere se encontram enterrados nos jardins do edifício. No século XIII, surge também a história da visita de José de Arimateia a Glastonbury no século I, trazendo consigo o Santo Graal, para aí construir uma igreja. (Cf. J. P. Kenyon, s.v. «Glastonbury Legends», p. 153). Por diversas vezes, acontecimentos ou figuras históricas portuguesas levam Beckford a estabelecer paralelos com a cultura medieval inglesa; assim, no final de *Recollections*, p. 223, num momento de agonia e medo, o autor compara os seus gritos aos de um monarca inglês medieval, figura de estilo complementada através do recurso à repetição: “At this moment, the most terrible, the most agonizing shrieks — shrieks such as I hardly conceived possible — shrieks more piercing than those which rung through the Castle of Berkeley, when Edward the Second was put to the most cruel and torturing death — inflicted to me a sensation of horror such as I never felt before.” Eduardo II (1284-1327), após a invasão de Isabel e Mortimer, em 1327, vê-se destituído do seu trono, tendo possivelmente sido assassinado no castelo de Berkeley, em Gloucestershire. (Cf. J. P. Kenyon, s.v. «Edward II», p. 124).

³³ Cf. Malcom Jack, *op. cit.*, p. 64: “A pensive and Romantic tone comes into his natural description while the social aspects of the excursion gives it the feeling of a jaunt.”

³⁴ Também no mosteiro da Batalha, a nave da igreja traz à mente de Beckford “Winchester in form of arches and mouldings, and [...] Amiens in loftiness.” (p. 83).

Quer a narrativa quer a viagem ao mundo da arquitectura e cultura medievais portuguesas tomam forma por entre câmaras e claustros, através dos quais o transeunte inglês deambula: "From this chamber I wandered down several flights of stairs to a cloister of the earliest **Norman architecture**, having in the centre a fountain of very primitive form, spouting forth clear water abundantly into a marble basin."³⁵ No claustro de D. Dinis, Beckford depara-se com um dos símbolos mais associados a Portugal na sua obra: a laranjeira, árvore ainda hoje algo "exótica" para o olhar do turista inglês: "their branches grotesque and fantastic, exactly such as a Japanese would delight in [...], their age most venerable, for the traditions of the convent assured me that they were the very first imported from China into Portugal."³⁶

Afastando-se dos coloridos frutos, o olhar de Beckford demora-se nas húmidas paredes do mosteiro, onde se depara com "[a] vast number of sepulchral inscriptions (some nearly effaced) to the memory of the knights slain at the battle of Aljubarrota:³⁷ I gave myself no trouble to make them out, but continuing my solitary rumble, visited the refectory, a square of seventy or eighty feet, begloomed by dark-coloured painted windows [...]"³⁸

Na manhã seguinte, o autor lamenta ter "feito turismo", ao invés de se poder fechar na biblioteca do mosteiro, repositório do glorioso passado nacional: "Some MSS, of the fourteenth century,

³⁵ William Beckford, *Recollections*, p. 45, negrito nosso. De acordo com Joaquim Lúcio Lobo e M. Vieira Natividade (eds.), *Alcobaça e Batalha por William Beckford*, 1914, p. 18, n. 3, o primeiro pavimento do claustro de D. Dinis é "[...] primitivo gótico, com acentuadas reminiscências românico-bizantinas".

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 46. Segundo Joaquim Lúcio Lobo e M. Vieira Natividade, *op. cit.*, p. 85, a tradição das laranjeiras chinesas "manteve-se inalteravel como coisa averiguada e certa." A primeira referência que os autores encontram de laranjeiras nos coutos de Alcobaça existe num foral datado de 1 de Abril de 1316, continuando estes últimos: «Uma escritora inglesa, lady Jackson, no seu livro Formosa Lusitania, traduzido por Camilo, também diz, a pag. 419: "num dos claustros existiam ainda ha poucos anos as laranjeiras mais antigas de Portugal [...]"».

³⁷ Joaquim Lúcio Lobo e M. Vieira Natividade, *op. cit.*, p. 18, afirmam que, no mosteiro de Alcobaça, não existem inscrições que refiram os cavaleiros mortos na batalha de Aljubarrota. Este facto leva estes mesmos autores a referir a "ligeireza" com que a obra é redigida (p. 98). As inexactidões e contradições na obra do magnata de Fonhill levam autores como Timothy Mowl, *William Beckford: Composing for Mozart*, 1998, a afirmar: "[...] Beckford [...] forged his own life. [...] He [...] had ample funds to pay secretaries to rewrite letters, and ample time in an eighty-four-year life span to reconstruct the past. All his seven biographers have been aware of Beckford's unreliability [...] (p. 217). If we compare Beckford's two accounts, his *Journal* and his *Sketches*, of the year he spent in Spain and Portugal in 1787-8, they contradict each other on almost every page and clearly contain thumping if highly readable and enjoyable inventions — or, to return to the harsh fact, lies." (p. 1).

³⁸ William Beckford, *Recollections*, p. 46.

containing, I have been assured, traditional records of Pedro the Just and the Severe, where what I wished for; but they either could not or would not be found [...]”.³⁹ O autor, *antiquarian* e colecionador, pode então deliciar-se com a decoração do interior de uma sacristia, “worthy of Versailles” itself, adorned with [...] copes and vestments, some almost as ancient as the reign of Alfonso Henriquez, and others embroidered at Rome with gold and pearl, by no means barbarie, were displayed before us in endless succession.”⁴⁰ O fausto católico de Roma é, portanto, associado à quase mítica idade dos remotos tempos de D. Afonso Henriques (1109?-1185), de forma a veicular a imponência das alfaias religiosas⁴¹ guardadas nessa mesma divisão. Dos objectos observados, alguns merecem especial destaque pela sua importância histórica que remonta às guerras peninsulares medievais:

[...] a cross⁴² of the same material, studded with the most delicately-tinted sapphires, which were taken by

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 48.

⁴⁰ *Idem, ibidem*.

⁴¹ Joaquim Lúcio Lobo e M. Vieira Natividade, *op. cit.*, p. 87, afirmam que o grande tesouro de Alcobaça tinha já sido entregue a D. João IV para ajudar a custear a guerra da Restauração.

⁴² Em relação à cruz que Beckford descreve e afirma ter sido retirada da capela móvel do rei de Castela no final da batalha de Aljubarrota, Fernão Lopes, *Crônica de D. João I*, capítulo XLV, vol. II, 1990, p. 119, afirma: “[...] muitas joias de prata e ouro [...] que acharão de seus inimiguos, asy na temda del Rey de Castela [...], caa el Rey e o Comde e nenhuu não mamdavaõ tomar nada, posto que a cousa de graõ preço e valor fosse, nem pedida de grado nem comtra vomtade, salvo se foy o lennho da Vera Cruz que tinnha Alvoro Guonçalvez d’ Alfena, escudeiro do Comdestabre, o quoyal achara em huum cofre cõ outras muitas joias, quoamdo ajudou a roubar a capela del Rey de Castela, em hua cruz douro que tinha de hua parte quoaatro pedras preciosas e doutra hua cruz pequena, em meo daquela gramde, vio d’tro na gramde estar o lennho da Vera Cruz, a qual loguo conheço [...] E o Comde que a muito desejou daver, ho mandou loguo chamar e com doços palavras e boõ guasalhado o roguou aficadamente que lhe dese aquele santo reliquairo, prometemdolhe fazer por elo muitas merçes; e o escudeiro lho ofereço de taõ boõ grado como per elle foy requerido e asy a ouve em seu poder.” Em relação ao futuro do “Santo lenho”, podemos ler na *Chronica dos Carmelitas...*, de Frei José Pereira de Santana, Cap. XVII, 1745, pp. 445-449, que “[...] no mez de Julho do anno do Nascimento de Christo de 1422, [Nuno Álvares Pereira] tomou a resolução de doar ao dito Convento a sua inestimável Reliquia do Santo Lenho. Deste fermoso relicario usava o nosso Veneravel Padroeiro na sua Capella, quando andava nas campanhas, e nas Festas principaes o expunha á veneraçãõ dos Fieis. [...] aconteceu o abominavel sacrilegio de o furtarem [...]” Nesta mesma crônica encontra-se ainda transcrita a carta de doação da reliquia do Condestável: “A quantos esta Carta virem, o Condestabre vos faço saber, que meu Senhor ElRey me fez mercê de hum Lenho de Santa Cruz, em que nosso Senhor JESU Christo quis padecer: e isto depois da batalha, que el houve com ElRey de Castella, o qual Lenho eu trazia na minha Capella, como Reliquias Santas, e dahi me foy furtado [...]” (*Idem, ibidem*, p. 447).

the victorious John the First from the King of Castile's portable chapel, after the hard-fought conflict of Aljubarrota; and several golden reliquaries, as minutely chased and sculptured as any I ever saw at St. Denis, though wrought by St. Eloys's holy hands: one in particular, the model of a cathedral in the style of the Sainte Chapelle at Paris, struck me as being admirable. Ten times at least did I examine and almost worship this highly-wrought precious specimen of **early art** [...].⁴³

Mais uma vez, a comparação entre famosas construções góticas enriquece o imaginário medieval do texto, enquanto a arte católica transporta o autor protestante para um estado de quase transe, levando-o a quase adorar relicários em forma de góticas catedrais, que bem poderiam ter sido minuciosamente elaboradas pelas mãos do patrono dos ourives, Santo Elói (588-660). Quer o espaço interior quer as alfaias religiosas que Beckford observa em Portugal influenciarão a decoração interior e exterior de Fonthill Abbey, embebida de toda uma vivência lusitana, não apenas em mosteiros, mas também, como veremos, nas diversas casas em que o viajante mora. O ambiente pitoresco, bucólico e sombrio de um castelo mourisco⁴⁴ é igualmente descrito através do recurso a referentes da cultura clássica:

No human being was to be heard or seen [...]. There was a holy calm in this mid-day silence—a sacredness, as if all nature had been fearful to disturb the slumbers of universal Pan. [...] I was enticed down a mysterious lane by the prospect of a crag and a Moorish castle which offered itself to view at its termination, and sometimes under ruined arches which crossed my path in the most picturesque manner.⁴⁵

⁴³ Cf. William Beckford, *Recollections*, p. 49.

⁴⁴ Não são apenas os castelos mouriscos em ruínas que fascinam Beckford, bem como toda a vivência e influência mouras na cultura portuguesa: “[...] procession of young lads, dressed in a style as antique as the Moorish domination in Portugal” (*Idem, ibidem*, p. 190).

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 52. “[The] Moorish castle [...] looked most invitingly picturesque, with its varied outline of wall and tower [...]” (*Idem, ibidem*, p. 59). Durante um outro passeio, em Sintra, as ruínas do Castelo dos Mouros não atraem muita atenção do viajante, dando, no entanto, lugar a uma breve digressão em torno do progresso arquitectónico desde a Antiguidade: “The moorish remains in the neighbourhood of the convent are scarcely worth notice, and indeed seem never to have made part of any considerable edifice. They were probably built up with the dilapidation of a roman temple, whose constructors

Este mesmo ambiente serve de fronteira entre a abadia de Alcobaça e o local da próxima visita, o mosteiro da Batalha, cuja construção começou por volta de 1388. Durante a viagem, a comitiva atravessa o campo de batalha de Aljubarrota, teatro de guerra para o qual Beckford se deixa transportar, na companhia do seu amigo e confidente Franchi: ⁴⁶

Here, on this very plain, was fought in 1385 the fierce battle which placed the diadem of Portugal on the brow of the intrepid bastard. It was down that ravine the Castillian cavalry poured along in utter confusion, so hotly pursued that three thousand were slain. On yonder mound stood the King of Castile's tent and temporary chapel, which he abandoned, with all its rich and jewelled furniture, to the conquerors, and scampered off [...] till safe within the walls of Santarem, where he tore his hair and plucked off his beard by handfuls, and raved and ranted like a maniac. The details of this frantic pluckage are to be found in a letter from the Constable Nuno Alvarez Pereira to the Abbot of Alcobaça. I tried to inspire my right reverend fellow-travellers with patriotic enthusiasm, and to engage them to cast a retrospective glance upon the days of Lusitanian glory. ⁴⁷

O fervor dos heróis lusitanos ⁴⁸ povoa a imaginação do viajante, que apresenta o sumário de um episódio bélico medieval, de capital importância para a História de Portugal, ⁴⁹ remetendo para figuras e documentos históricos medievos. O Juiz de Fora

had perhaps in their turn availed themselves of the fragments of a Punic or Tyrian temple raised on this high pace, and blackened with the smoke of some horrible sacrifice amidst the crevices of the mouldering walls, and particularly in the vault of a cistern [...]"(William Beckford, *Italy*, p. 180).

⁴⁶ Beckford conhece o corista de origem italiana na Sé de Lisboa, em 1787, acompanhando-o este último para Fonthill Abbey, como secretário. A população vizinha da mansão refere-se a Franchi como a "Portuguese orange" (Cf. Brian Fothergill, *Beckford of Fonthill*, 1979, p. 199; James Lees-Milne, *op. cit.*, p. 34). No local do campo de batalha de Aljubarrota, o amigo de Beckford deixa-se levar pela imaginação: "Franchi mounted one of my swiftest coursers [...] and galloped away like the King of Castile on his flight to Santarem." (William Beckford, *Recollections*, p. 65).

⁴⁷ *Idem, ibidem*, pp. 62-63.

⁴⁸ Este mesmo fervor contagia os criados ingleses do autor: "All my English servants were in raptures, ready to turn Catholics" (*Idem, ibidem*, p. 64). Já no mosteiro da Batalha, Beckford chora de emoção durante uma missa (*idem, ibidem*, p. 84), descrevendo igualmente em *Italy*, p. 49, a pompa de uma missa celebrada em Lisboa.

⁴⁹ Cf. Maria Laura Bettencourt Pires, *op. cit.*, pp. 167-168: "Os acontecimentos da História de Portugal parecem estar sempre no seu pensamento. [...] Grandes acontecimentos da nossa História [...] são também mencionados."

da vila, afirmando conhecer as Crônicas, refere também a batalha, nomeadamente um destemido cavaleiro inglês que nela participou, e que teve a honra de ser vencido pela fina flor dos guerreiros, “[...] the renowned Magriço [who] had excellent taste in the choice of his antagonists [...].”⁵⁰ Temos, então, na galeria de figuras medievais mais uma personagem, o Magriço, que, como o autor refere, é enaltecido por Luís de Camões em *Os Lusíadas*. Se todas estas personagens remetem para a manutenção da nacionalidade portuguesa, bem como para as origens da nação, o mesmo acontece com a arquitectura religiosa, testemunho perene do acumular de riqueza nacional que a todos deve orgulhar, como fica implícito na exortação do viajante inglês.

O calcário brando do mosteiro da Batalha desvenda-se gradualmente, enquanto Beckford se aproxima, cada vez mais, de um ambiente repleto de enormes contrastes: “[...] the great church, with its rich cluster of abbatial buildings, buttresses, and pinnacles, and fretted spires, towering in all their pride, and marking the ground with deep shadows that appeared interminable [...]”,⁵¹ imagem esta adensada pela “[...] still atmosphere, repeated by the echoes of vaults and arches [...]”.⁵²

O interior do mosteiro encontra-se igualmente fornecido de características e ambientes góticos:

We passed the refectory, a plain solid building, with a pierced parapet of the purest Gothic design and most precise execution, and traversing a garden court divided into compartments, where grew the orange trees [...] a sculptured gateway into an irregular open space before the grand western façade of the great church—grand indeed—the portal full fifty feet in height, surmounted by a window of perforated marble of nearly the same lofty dimensions, deep as a cavern, and enriched with canopies and imagery in a style that would have done honour to William of Wykeham,⁵³ some of whose disciples or co-disciples in the train of the founder’s consort, Philippa of Lancaster, had probably designed it.⁵⁴

⁵⁰ William Beckford, *Recollections*, p. 64.

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 66.

⁵² *Idem, ibidem*, pp. 72-73.

⁵³ William of Wykeham (1324-1404), bispo de Winchester (1367-1404) e *lord chancellor* (1368-1371, 1389-1391) durante os reinados de Eduardo III e Ricardo II. Fundador do New College, em Oxford. (Cf. J. P. Kenyon, s.v. «Wykeham, William of», p. 370).

⁵⁴ William Beckford, *Recollections*, pp. 82-83.

O espaço irregular e sombrio faz as maravilhas da sensibilidade romântica do viajante, ávido de imagens onde o gótico flamejante marca uma presença imponente. No mosteiro de Santa Maria da Vitória, Beckford observa os túmulos da “ínculta geração”, nomeadamente do Infante D. Pedro, duque de Coimbra (1392-1449), seus irmãos D. João (1400-1442), D. Fernando (1402-1443) e D. Henrique (1394-1460),⁵⁵ bem como o mausoléu do fundador do mosteiro, D. João I (1357-1433), e Filipa de Lencastre (1360-1415): “linked hand in hand in death as fondly they were in life”,⁵⁶ escultura esta envolta de arquitectura gótica religiosa: “Under the row of arches on the right, fretted and pinnacled and crocketed in the best style of Gothic as its best period [...]”⁵⁷

Para além das inúmeras descrições da arquitectura portuguesa, que, por vezes, compara a monumentos medievais ingleses,⁵⁸ Beckford divaga igualmente em torno da história

⁵⁵ A propósito da morte de D. Pedro, Beckford refere a batalha da Alfarrobeira. A respeito deste episódio bélico, veja-se Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira*, 2 vols, 1979-1980, sendo igualmente referido o cativo em África de D. Fernando. (veja-se João Luis Inglês Fontes, *Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo*, 2000). Beckford demora-se ainda num apontamento histórico de cariz anglo-português, referindo as insígnias dos cavaleiros da Ordem fundada por Eduardo III de Inglaterra em 1348, bem como o sangue Plantageneta de todos estes infantes: “All these princes, in whom the high bearing of their intrepid father, and the exemplary virtues and strong sense of their mother, the grand-daughter of our Edward the Third, were united, repose, after their toils and suffering, in this secluded chapel [...]”(William Beckford, *Recollections*, p. 86) “[...] these tombs [...] every object in the chapel which contains them being so pure in taste, so harmonious in colour; every armorial device, every mottoed lambel, so tersely and correctly sculptured, associated also so closely with historical and English recollections-the garter, the leopards, the fleur-de-lis, “from haughty Gallia torn;” the Plantagenet cast of the whole chamber conveyed home to my bosom a feeling so interesting, so congenial [...]” (*idem, ibidem*, p. 87). No mosteiro encontram-se ainda os túmulos de D. Afonso V (1432-1481), D. João II (1455-1495) e do príncipe D. Afonso (1475-1491). De acordo com Iva Delgado e Frederico Rosa, *op. cit.*, p. 71, n. 3, “os símbolos heráldicos ingleses existentes na Capela do Fundador são as insígnias da Ordem da Jarreteira (a que pertenciam D. João I, D. Filipa de Lencastre, os infantes D. Pedro e D. Henrique, D. Duarte I e D. Afonso V) e o brasão dos Lencastre, herdado por D. Filipa de seu pai, João de Gante.” Refira-se que em 29 de Setembro de 1426, o Infante D. Pedro chegara a Inglaterra, “talvez a tempo de assistir, entre o séquito de seu primo Henrique VI, às celebrações religiosas do dia de S. Miguel. Durante os três meses passados em Londres, [...] interv[em] no conflito armado em que se defrontaram o duque de Gloucester e o bispo de Winchester [...]” (Cf. Margarida Sêrvulo Correia, *As Viagens do Infante D. Pedro*, 2000, p. 45). Devido ao seu desempenho no campo de batalha, o paladino português é agraciado com a muito nobre Ordem da Jarreteira em 1427, verificando-se, portanto, que na própria Inglaterra os cavaleiros portugueses foram agentes de gloriosos feitos de guerra.

⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 85.

⁵⁷ *Idem, ibidem*.

⁵⁸ Veja-se, na página 88, a comparação por semelhança da superior beleza dos claustros reais aos ornamentos da capela da aldeia de Roslin (Edimburgo),

medieval portuguesa, de forma a contextualizar os monumentos que tenta apresentar ao leitor inglês. O autor critica ainda as sucessivas obras de que o mosteiro, nomeadamente o “mausoléu de D. Manuel”, foi alvo: “Saxon crinklings and cranklings are bad enough; the preposterous long and lanky marrow-spoon-shaped arches of the early Norman, still worse; and the Moorish horse-shoe-like deviations from beautiful curves, little better.”⁵⁹

De regresso a Lisboa, a comitiva depara-se com as pitorescas ruínas de mais um castelo mourisco, que o escritor de Fonthill Abbey contrapõe e prefere ao ambiente urbano das Caldas da Rainha: “At some distance we saw a Moorish castle, standing proudly on an insulated eminence, presenting a grand mass: it bears also a grand name, Alafagirão.”⁶⁰ This picturesque object,

construída em 1446: “[...] the royal cloisters, a glorious square [...], surrounded by most beautifully-proportioned arches, filled up with a tracery as quaint as any of the ornaments of Roslin chapel, but infinitely more elegant: it is impossible to praise too warmly their tasteful and delicate ramifications.”

⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 137. Em relação ao mudejarismo e à gramática arquitectónica (neo)mourisca em Portugal, vejamos Pedro Dias, *Arquitectura manuelina*, p. 74ss.; Paulo Pereira, *A obra silvestre e a esfera do rei*, 1990, p. 78ss, Regina Anacleto, «Arquitecturas medievais», pp. 70-71. Ao criticar esta mescla de estilos, Beckford critica também o arquitecto irlandês James Cavanah Murphy (1760-1814) (“[...] dull draftsman Murphy [...]”, W. Beckford, *Recollections*, p. 136) que, anos antes, havia elogiado esta mesma vista na sua obra *Plans, Elevations, Sections & Views of the Church of Batalha*, 1795. De acordo com H. A. N. Brockman, *op. cit.*, p. 142, esta última obra é consultada por James Wyatt para a construção da torre octogonal de Fonthill. Sobre a obra de James Murphy vejamos os seguintes estudos: Castelo Branco Chaves, *Murphy em Portugal. Algumas Achegas Biográficas*, 1954; Ana Rita de Sá Soveral Padeira Navarro, *Uma visão artística de Portugal: James Murphy e a sua obra*, 1986; *Idem*, «Um quadro de Sintra setecentista», 1998; Maria João Quintas Lopes Baptista Neto, *James Murphy e o restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XIX*, 1997.

⁶⁰ Beckford refere-se às ruínas dos panos da muralha do castelo de Alfeizerão do século XII. De acordo com A. H. de Oliveira Marques, «A circulação e a troca de produtos», 1996, p. 505, a aldeia pertence ao senhorio do mosteiro de Alcobaça, de onde a comitiva do viajante inglês regressa. No século XII, após a conquista de D. Afonso Henriques, o castelo árabe é reedificado, servindo para defender a costa entre o promontório da Nazaré (Forte de São Miguel) e a península de Peniche (Fortaleza de Peniche), até ao assoreamento do porto. O terramoto de 1755, anterior às visitas de Beckford, destrói parte do castelo. De arquitectura militar românica, o castelo é de planta rectangular, reforçado inicialmente por oito cubelos semicirculares, com torres de menagem de planta quadrada, descentrada do lado este do recinto. (A respeito deste monumento veja-se Jorge das Neves Larcher, *Castelos de Portugal*, 1933; Carlos Pereira Calixto, «História de uma fortificação que defendeu São Martinho», in *Diário de Notícias*, 08-10-1998, p. 43). Em relação a estas ruínas, nas notas apenas ao texto, funcionando como uma extensão do mesmo, o autor informa o leitor: “Tradition informs us that it was at this castle, which, from a distance at least, looks magnificiently picturesque, that the good king Don Deniz sometimes held his splendid and opulent court.” (William Beckford, *Recollections*, p. 227). Esta nota é ainda aproveitada para mais uma incursão explicativa na hagiografia e história medievais portuguesas: “He [Don Deniz] was husband to St. Isabel, one of the purest gems of the Roman calendar. [...] The accounts given by chroniclers

the stillness and soft hues of evening, and the perfume of the lupins, were circumstances too pleasing not to make us regret our arrival at the Caldas.”⁶¹ Ao deixar as Caldas da Rainha, o autor avista um outro corolário medieval da cidade: “Obidos, with its towers and battlemented walls, rising above a forest of pines, and connected with the neighbouring hills by a long stretch of aqueduct.”⁶²

Próximo de Lisboa, o viajante descreve, após referir alguns milagres de Santo António,⁶³ ele próprio franciscano, um convento da Ordem dos Frades Menores,⁶⁴ numa paisagem rural que o transporta para o Médio Oriente, retendo, mais uma vez, o monumento a atenção do autor de *Vathek* devido ao seu estado de decadência, de aspecto algo gótico:

[...] I fancied myself suddenly transported to Palestine: a plain perfectly flat and arid presented itself, diversified alone by the low columned arcades and belfries of the convent, inclining to the ruinous, and bearing a strong resemblance in form and tint to the views I have seen of the semi-gothic chapels and cells at Jerusalem and Nazareth.⁶⁵

of the wealth and prosperity of Don Deniz, the successful impulse he gave to agriculture, and the quantity of gold extracted under his auspices from the sands of the Tagus, appear incredible in our days of almost universal scepticism.” Em *Italy*, p. 207, o autor, a propósito das práticas religiosas portuguesas, resume ainda a lenda de São Vicente, afirmando que os corvos “[...] pursued his murderers with dreadful screams and tore their eyes out [...].”

⁶¹ William Beckford, *Recollections*, p. 170.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 177.

⁶³ Quer no seu diário quer na correspondência, o autor refere inúmeras vezes factos relacionados com Santo António; veja-se, por exemplo, *Italy*, pp. 57-59. Em Fonthill Abbey encontram-se duas estatuetas do Santo, uma da autoria de J. C. F. Rossi e outra da escola de estatuária religiosa de Bernini. (Para uma referência e descrição das estátuas, bem como de uma outra gravura do santo português veja-se James Storer, *op. cit.*, pp. 358, 365 e 366, respectivamente).

⁶⁴ De acordo com o Pe. Fernando Félix Lopes, s.v. «Franciscanos», 1992, p. 72, os franciscanos instalam-se, em Portugal, no século XIII “[...] e fund[am] eremitérios cerca de Alenquer e Guimarães [...]”, outros eremitérios se foram erguendo ao pé de Lisboa, Leiria [...]”. Também Iva Delgado e Frederico Rosa, *op. cit.*, p. 108, n. 1, supõem que o viajante inglês se refira ao convento franciscano de Santa Catarina da Carnota, próximo de Cadafais, e onde existia a tradição de uma Romaria a Santo António. Veja-se também A. de Oliveira Melo *et alii* (orgs.), *O Concelho de Alenquer: Subsídios para um Roteiro de arte e Etnografia*, 1986, pp. 59ss). Daí que possamos, também, avançar a hipótese de o convento em ruínas visitado se encontrar em Alenquer, pois Beckford acabara de passar pelo Carregado. Ao longo das suas estadas em Portugal, o autor visita conventos e mosteiros de várias Ordens, devendo toda a arquitectura religiosa conferir à capital, como afirma Henry Fielding, “[...] a jumbled partly **mediaeval** appearance.” (*Apud* T. D. Kendrick, *The Lisbon Earthquake*, 1956, p. 28, negrito nosso).

⁶⁵ William Beckford, *Recollections*, pp. 183-184.

Para além da paisagem humanizada e dos estilos arquitectónicos chamados históricos, também a natureza selvagem da costa portuguesa estimula a imaginação e sensibilidade românticas de Beckford durante um outro passeio, sensações essas que a linguagem não pode representar:

The coast is truly picturesque, and consists of bold projections, intermixed with pyramidal rocks succeeding each other in theatrical perspective [...] No words can convey an adequate idea of bloom of the atmosphere, and the silvery light reflected from the sea. From the edge of the abyss, where I had remained several minutes like one spell-bound, we descended a winding path [...] to the beach. [...] Such coves, such deep and broken recesses such a play of outline I never beheld, nor did I ever hear so powerful a roar of rushing waters upon any other coast.⁶⁶

O próprio ambiente de certos eventos e rituais sociais em Lisboa recordam tempos e espaços medievais: "This attendance had quite a **feudal air**, and transported the imagination to the days of **chivalry**, when great chieftains were waited upon like **kings**, by **noble vassals**."⁶⁷

Todas estas características e envolvências testemunhadas por Beckford em Portugal fazem-se sentir, como já referimos, em Fonthill Abbey, enquanto as várias casas que o viajante inglês habita na (ou próximo da) capital lusa concorrem também para a formação da sua estética medievallizante)⁶⁸ que ganha forma

⁶⁶ *Idem, Italy*, pp. 183-184. Em *Recollections*, p. 21, Beckford afirma ter conhecido um padre português regressado de Macau, onde aprendera inglês com os ingleses da feitoria de Cantão suficiente para ler "Sir William Chamber's most florid essay on Chinese gardening." O autor refere-se obviamente à obra *A Dissertation on Oriental Gardening* (1757), de William Chambers, na qual este último "[...] elogia a atractiva variedade de jardins chineses com as suas "cenas encantadas", localizados em vales sombrios, onde correm rios de águas adormecidas a banharem margens salpicadas de monumentos funerários, a emergirem por entre salgueiros e loureiros". (Cf. Carlos Sagar Quer, "Arquitectura funerária neomedieval", 1994, p. 89). A sensibilidade romântica tenta encenar, nos jardins domésticos, o ambiente selvagem e pitoresco da natureza, imitando também outras formas civilizacionais de a "domar", realidade esta patente nos jardins circundantes de Fonthill Abbey e, como veremos mais adiante, na casa de Monserrate, que Beckford habita durante algum tempo durante a segunda visita a Portugal.

⁶⁷ William Beckford, *Recollections*, p. 232; negrito nosso. A propósito dos ideais da cavalaria, veja-se Jean Flori, *Chevaliers et chevalerie au Moyen Age*, 1998 *passim*.

⁶⁸ Aliás, Timothy Mowl, *op. cit.*, pp. 216-217, avança a hipótese de as estadas em Portugal terem iniciado o período gótico de Beckford: "If it was Portugal which initiated Beckford's Gothic period, it is unfortunate that his only full record of this conversion was not written until 1835 [...], His *Recollections* [...]."

na construção da sua abadia gótica em Inglaterra. Em 1793, o viajante inglês desenha uma planta de reconstrução para a sua casa na Rua da Cova da Moura, próximo do Palácio das Necessidades, adquirida a Joseph Hill, primo do seu amigo Thomas Horne, e de onde parte para visitar os mosteiros de Alcobaça e da Batalha. Nesse mesmo plano, encontram-se desenhados um santuário com um altar em honra de Santo Antônio, um *hall* octogonal e uma longa galeria. De acordo com Malcolm Jack, as semelhanças entre este plano e as divisões de Fonthill são enormes.⁶⁹ O esboço-planta é enviado a James Wyatt, arquitecto encarregado da construção de Fonthill, quando esta última não passava ainda de um projecto para uma moderada mansão. Por outro lado, H. A. N. Brockman⁷⁰ sugere que a torre octogonal da catedral de Ely foi igualmente uma fonte de inspiração para Wyatt.

No verão de 1794, o magnata de Fonthill arrenda o pitoresco palácio de “Montserrat”,⁷¹ mandado construir em 1790 pelo mercador inglês Gerard de Visme, servindo o jardim desta nova residência de ensaio para a futura decoração dos terrenos vedados pela “barrier wall”.⁷² O estado de decadência em que Byron encontra este mesmo palácio, em 1809,⁷³ inspira uma composição

⁶⁹ Cf. Malcolm Jack, *op. cit.*, p. 110. Este mesmo plano é reproduzido em James Lees-Milne, *op. cit.*, p. 39 e Boyd Alexander, *England's Wealthiest Son*, 1962, p. 118, afirmando este último que a planta da casa, nomeadamente os longos corredores adornados por janelas e a fonte de canto, têm “[an] unsuspected influence on the conception of Fonthill Abbey” (p. 160). Também Timothy Mowl, *op. cit.*, p. 215, aponta as semelhanças entre ambos os edifícios.

⁷⁰ H. A. N. Brockman, *op. cit.*, pp. 142-143. Malcolm Jack, *op. cit.*, p. 121, afirma que Wyatt se vê forçado a refrear os “grandiosos pedidos ibéricos” do seu patrão, ideia esta igualmente presente em H. A. N. Brockman, *op. cit.*, p. 140.

⁷¹ Cf. Boyd Alexander, *England's...*, p. 135: “Beckford was doubtless chiefly attracted by the lovely grounds and views, but it is interesting that Devisme constructed it as a mediaeval castle flanked by twin round towers [...], and that its two principal entries gave on to an octagonal vestibule.” Em relação ao Palácio de Monserrate no período pré-romântico, veja-se A. Araújo, «O palácio neogótico de Monserrate e a sua leitura ao longo do pré-romantismo (1791-1836)», 1988. Para uma lista de estudos sobre o palácio de Monserrate, consulte-se a bibliografia apresentada por Maria Laura Bettencourt Pires, *op. cit.*, pp. 282-283.

⁷² Cf. Brian Fothergill, *op. cit.*, pp. 253-254: “The surrounding territory [...] was to be developed according to his own scheme of landscape gardening, following and developing the ideas he had first tried out at Monserrate in Portugal.” “[In Fonthill's gardens there were] azaleas with the Carolina rose and **Portugal laurel** growing as though naturally among the trees.” (*Idem, ibidem*, p. 299, negrito nosso). Timothy Mowl, *op. cit.*, p. 219, para além de referir o interesse de Beckford por grutas, descreve a decoração que este último leva a cabo no palacete português: “The double cascade which he constructed out of rough stonework above the Valley of Ferns [...], Beckford was also responsible for a very peculiar Gothic servants' block built of huge unworked boulders. This strange building was a conscious attempt on his part to fuse the Gothic with the contemporary taste for the savage Picturesque in landscape gardening.”

⁷³ Cf. J. W. Oliver, *The Life of William Beckford*, 1932, p. 217.

poética em que o sujeito lírico romântico exorta (o autor de) *Vathek*, comparando o seu fado ao desta solitária habitação:

“There thou too, Vathek! England’s wealthiest son,
[...]
Here didst thou dwell, here schemes of pleasure plan,
Beneath yon mountain’s ever beauteous brow:
But now, as if a thing unblessed by Man,
Thy fairy dwelling is as lone as thou!
Here giant weeds a passage scarce allow
To halls deserted, portals gaping wide [...]”.⁷⁴

Tentando recriar, em Fonthill, os ambientes lusitanos que tanto prazer lhe proporcionam, Beckford resume muitos dos elementos que foi recolhendo nos “microcosmos” portugueses de origem medieval, e que, mais tarde, tenta reproduzir ou imitar no seu retiro gótico; daí que Brian Fothergill afirme que “[...] for no other place [Portugal] would he feel the same affection except for his native Fonthill”,⁷⁵ tentando o magnata inglês reproduzir na fria Inglaterra que o rejeitara o calor humano e a felicidade que Portugal lhe oferecera.

Os excertos do diário de que nos ocupámos adquirem ainda um valor especial ao transmitirem, de forma apaixonada, as especificidades da arquitectura medieval e vivências culturais portuguesas que se desvendam perante os sentidos e sentimentos do viajante-escritor.⁷⁶ Enquanto representação do microcosmos que se desvenda perante o filtro do olhar do autor, o diário adquire um estatuto de relativa sinceridade que o transforma por vezes em fonte histórica por excelência,⁷⁷ usufruindo de valor e

⁷⁴ Lord Byron, *Childe Harold’s Pilgrimage*, I, xxii-xxiii (Apud Lewis Melville, *The Life and Letters...*, 1910, p. 81).

⁷⁵ Brian Fothergill, *op. cit.*, p. 191. Timothy Mowl, *op. cit.*, p. 217, num capítulo intitulado «Portugal as a prelude to the Abbey», afirma: “His stay in Portugal caused Beckford to revise his ideas completely. He was struck by how closely the Tower of Belém, a late fifteenth-century fortified palace on Lisbon’s waterfront, accorded with that visionary ‘Tower dedicated to meditation’ which had been a focus of his adolescent reveries.” Estas mesmas mudanças de opinião influenciarão as constantes transformações na planta e construção de Fonthill Abbey. Como já referimos, estudiosos da vida e obra de Beckford como Timothy Mowl, *op. cit.*, pp. 216-217, avançam a hipótese das estadas em Portugal terem iniciado ou influenciado o período gótico de Beckford.

⁷⁶ Aliás, Virginia Woolf define diário como “[a] capacious hold-all, in which one flings a mass of odds and ends (20 April 1919).” (Virginia Woolf, *The Diary of Virginia Woolf 1915-1941*, 1977-1984, p. 266). Já Anais Nin, *The Novel of the Future*, 1969, p. 142, define o diário como “[a] channel of communication”.

⁷⁷ Cf. Robert Fothergill, *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, 1974, p. 40. Veja-se também o capítulo “Self-projection”, pp. 95-152.

estatuto especiais, na medida em que é fruto de um olhar externo perante a realidade quotidiana portuguesa da segunda metade do século XVIII. A redacção do diário, enquanto imagem grafico-simbólica, serve também para ordenar o pensamento e formar um conhecimento mais profundo da vivência e cultura portuguesas quer medievais quer setecentistas.⁷⁸ A estética, os gostos e interesses, bem como os aspectos da cultura e história portuguesas veiculados pelo filtro do viajante no seu diário revelam todo um imaginário medieval que Beckford apre(e)nde e recriará no seu projecto megalómano, em Wiltshire.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia primária

BECKFORD, William, *Italy, Spain, and Portugal with an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha by the Author of "Vathek", a New Edition*, Richard Bentley, Londres, 1840.

_____. *Italy; with sketches of Spain and Portugal*, vol. II, Richard Bentley, Londres, 1834.

_____. *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha by the Author of "Vathek"*, Richard Bentley, Londres, 1835.

Bibliografia secundária

AA.VV., *O Neomanuelino ou a reinvenção da arquitectura dos Descobrimentos*, CNCDP-IPPAR, Lisboa, 1994.

AFONSO, Simoneta Luz (coord.), *William Beckford e Portugal — A Viagem de uma Paixão*, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, 1987.

ALDRICH, Megan, *The Gothic Revival*, Phaidon Press Ltd., Londres, 1997.

ALEXANDER, Boyd, *England's Wealthiest Son: A Study of William Beckford*, Centaur Press, Londres, 1962.

_____. (ed.), «Introduction», in William Beckford, *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain 1787-1788*, Rupert Hart-Davis, Londres, 1954, pp. 9-21. (Tradução portuguesa e prefácio de João Gaspar Simões, *O Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1983.)

⁷⁸ Cf. William Mathew, *op. cit.*, p. 7: "A diary offers an individual perception of existence translated into words, concrete images, and sequences that show a personality in process of being in a particular world."

- ALMEIDA, Alfredo Betâmio de, «Alcobaça, Mosteiro de», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992, pp. 82-84.
- ANACLETO, Regina, *Arquitectura neomedieval portuguesa, 1780-1924*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, texto policopiado, Coimbra, 1992.
- _____, «Arquitecturas medievais: Memórias e Retorno», in *O Neomanuelino ou a reinvenção da arquitectura dos Descobrimentos*, CNCDP-IPPAR, Lisboa, 1994, pp. 57-74.
- _____, *Neoclassicismo e Romantismo, História da Arte em Portugal*, vol. 10, Publicações Alfa, 1987.
- _____, «Os Protagonistas das Arquitecturas Neomedievais», in *O Neomanuelino ou a reinvenção da arquitectura dos Descobrimentos*, CNCDP-IPPAR, Lisboa, 1994, pp. 103-113.
- ARAÚJO, A., «O palácio neogótico de Monserrate e a sua leitura ao longo do pré-romantismo (1791-1836)» in *Romantismo: Sintra nos itinerários de um movimento*, Instituto de Sintra, Sintra, 1988, pp. 177-214.
- BECKFORD, William, *Alcobaça e Batalha por William Beckford*, tradução, introdução e notas de Joaquim Lúcio Lobo e M. Vieira Natividade, Oficina de A. M. d' Oliveira, Alcobaça, 1914.
- _____, *Alcobaça e Batalha: Recordações de Viagem*, introdução, tradução e notas de Iva Delgado e Frederico Rosa, Veja, Lisboa, 1997.
- _____, *Vathek*, in E. F. Bleiler (ed.), *Three Gothic Novels*, Dover Publications, Nova Iorque, 1966, pp. 107-254.
- BLODGETT, Harriet, *Centuries of Female Days: English Women's Private Diaries*, Alan Sutton, Gloucester, 1989.
- BOSSAGLIA, R. e V. Terraroli (dir.), *Il neogotico nel XIX e XX secolo*, 2 vols., Mazzotta, Milão, 1989.
- BROCKMAN, H. A. N., *The Caliph of Fonthill*, Werner Laurie, Londres, 1956.
- BROOKS, Chris, *The Gothic Revival*, Phaidon Press Ltd., Londres, 1999.
- CALIXTO, Carlos Pereira, «História de uma fortificação que defendeu São Martinho», in *Diário de Notícias*, 08-10-1988, p. 43.
- CALLE-GRUBER, M., «Journal intime et destinataire textuel», in *Poétique*, 59, pp. 389-391.
- CANDEIAS, Alberto, *Portugal em alguns Escritores Ingleses*, Seara Nova, Lisboa, 1946.
- CHICÓ, M. Tavares, *A Arquitectura Gótica em Portugal*, Lisboa, 1954.
- CLARKE, Kenneth, *The Gothic Revival: An Essay in the History of Taste*, John Murray, s.l., 1975 [1928].

- CORREIA, Margarida Sérvulo Correia, *As viagens do Infante D. Pedro*, Gradiva, Lisboa, 2000.
- DIAS, Pedro, *A arquitectura manuelina*, Civilização, Porto, 1988.
- DIDIER, B., *Le journal intime*, P. U. F., Paris, 1976.
- DRABBLE, Margaret (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, Oxford University Press, Oxford, 2000.
- FLOR, João Almeida, *Sintra na Literatura Romântica Inglesa*, Câmara Municipal de Sintra, Sintra, 1978.
- FLORI, Jean, *Chevaliers et chevalerie au Moyen Age*, Hachette, Paris, 1998.
- FONTES, João Luís Inglês, *Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo*, Patrimonia Historica, Cascais, 2000.
- FOTHERGILL, Brian, *Beckford of Fonthill*, Faber and Faber, Londres, 1979.
- FOTHERGILL, Robert, *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, Oxford University Press, Oxford, 1974.
- GENETTE, G., *Seuils*, Éd. Seuil, Paris, 1987.
- GONÇALVES, Iria, *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Universidade Nova de Lisboa-F. C. S. H., Lisboa, 1989.
- GRAY, Jennie, «Horace Walpole & William Beckford: Pioneers of the Gothic Revival», in *The Gothic Society Monographic Series*, vol. 1, Kent, 1994.
- GUSMÃO, Artur Nobre de, «Batalha, Mosteiro de.», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992, pp. 312-316.
- _____, «Gótica. Arte», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992, pp. 133-138.
- ISER, Wolfgang, *The Act of Reading. A Theory of Aesthetic Response*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1980.
- JACK, Malcolm, *William Beckford: An English Fidalgo*, MAS Press, Nova Iorque, 1996.
- JÖCKLE, Clemens, s.v. «Thomas Becket of Canterbury», *Encyclopedia of Saints*, Alpine Fine Arts Collection (UK) Ltd., Londres, 1995, pp. 436-438.
- KAGLE, S. E., «The diary as art: a new assessment», in *Genre*, VI, 4, 1973, pp. 416-427.
- KENDRICK, T. D., *The Lisbon Earthquake*, Londres, 1956.
- KENYON, J. P., *The Wordsworth Dictionary of British History*, Wordsworth Editions Ltd., Ware, 1994.
- LARCHER, Jorge das Neves, *Castelos de Portugal*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1933.

- _____, *Mosteiro da Batalha: o templo da pátria*, s.n., Porto, 1932.
- LEES-MILNE, James, *William Beckford*, Compton Russel, Tisbury, 1976.
- LODGE, David, «The Title», in *The Art of Fiction*, Penguin Books, Harmondsworth, 1992, pp. 193-196.
- LOPES, Pe. Fernando Félix, s.v. «Franciscanos», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992, pp. 71-73.
- LOPES, Fernão, *Crónica de D. João I*, volume II, Livraria Civilização Editora, Porto, 1990.
- MACAULAY, Rose, *They Went to Portugal*, Penguin, Harmondsworth, 1988.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, «A circulação e a produção de produtos», in Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. 3, Editorial Presença, Lisboa, 1996, pp. 487-528.
- MARQUES, Maria Alegria, *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Edições Colibri-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1998.
- MATHEWS, William, *An Annotated Bibliography of British Diaries Written Between 1442 and 1942*, University of California Press, Berkeley, 1950.
- MELO, A. de Oliveira et alii (orgs.), *O Concelho de Alenquer: Subsídios para um Roteiro de arte e Etnografia*, Câmara Municipal de Alenquer, Alenquer, 1986.
- MELVILLE, Lewis, *The Life and Letters of William Beckford*, William Heinemann, Londres, 1910.
- MORENO, Humberto Baquero, *A Batalha de Alfarrobeira*, 2 vols, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1979-1980.
- MOWL, Timothy, *William Beckford: Composing for Mozart*, John Murray, Londres, 1998.
- NAVARRO, Ana Rita de Sá Soveral Padeira, «Um quadro de Sintra setecentista», in *Romantismo: Imagens de Portugal na Europa Romântica*, Sintra, 1998, pp. 51-57.
- _____, *Uma visão artística de Portugal: James Murphy e a sua obra*, tese de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa, texto policopiado, Lisboa, 1986.
- NETO, Maria João Quintas Lopes Baptista, *James Murphy e o restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XIX*, Editorial Estampa, Lisboa, 1997.
- NIN, Anaïs, *The Novel of the Future*, Peter Owen, Londres, 1969.

- OLIVER, J. W., *The Life of William Beckford*, Oxford University Press, Londres, 1932.
- PARREAUX, André, *Le Portugals dans l' oeuvre de William Beckford*, Les Belles Lettres, Paris, 1935.
- _____, *Beckford et le Portugal*, Bertrand, Lisboa, 1958.
- PEREIRA, Paulo, *A obra silvestre e a esfera do rei*, Instituto de História de Arte, Coimbra, 1990.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt, *William Beckford e Portugal*, Edições 70, Lisboa, 1987.
- PRAGNELL, Hubert, *The Styles of British Architecture*, B. T. Batsford, Londres, 1984.
- PUGA, Rogério, s.v. «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos de Teoria e Crítica Literária*, Editorial Verbo, no prelo.
- QUER, Carlos Saguar, «Arquitectura funerária neomedieval na Europa do século XIX», tradução de Regina Anacleto, in *O Neomanuelino ou a reinvenção da arquitectura dos Descobrimentos*, CNCDP-IPPAR, Lisboa, 1994, pp. 87-102.
- REIS, Carlos e Ana Cristina M. Lopes, s.v. «Diário», in *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra, 1994, pp. 105-107.
- ROUSSET, J., «Le journal intime, texte sans destinataire?», in *Poétique*, n. 56, 1983, pp. 435-443.
- SANTANA, Frei José Pereira de, *Chronica dos Carmelitas da antiga, e regular observancia nestes reynos de Portugal Algarves, e seus dominios.*, Lisboa, 1745.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de, *D. Inês e D. Sebastião na literatura inglesa*, Editorial Vega, Lisboa, 1979.
- _____, *O "horror" na literatura portuguesa*, col. «Biblioteca Breve», ICALP, Lisboa, 1979.
- STORER, James, «A Description of Fonthill Abbey, Wiltshire, London, 1812», in Lewis Melville, *The Life and Letters of William Beckford of Fonthill: «Appendix»*, William Heinemann, Londres, 1910, pp. 354-366.
- WOOLF, Virginia, *The Diary of Virginia Woolf 1915-1941*, vol. 1, introdução e notas de Anne Oliver Bell, vol. 1, Harcourt Brace Jovanovich, Nova Iorque, 1977-1984.